



Revista Brasileira de Linguística Aplicada

ISSN: 1676-0786

rblasecretaria@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais

Brasil

Araújo, Júlio

Tributo à Professora Bernardete Biasi-Rodrigues

Revista Brasileira de Linguística Aplicada, vol. 11, núm. 4, outubro-diciembre, 2011, pp. 991-1005

Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=339829638011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Tributo à Professora Bernardete Biasi-Rodrigues



Como é que se configura um gênero: pela frequência e estabilidade de uso? Pelo conhecimento ou reconhecimento de traços caracterizadores e distintivos? Pelas convenções que orientam locutor e interlocutor em diferentes situações de interação por meio da linguagem?

(BIASI-RODRIGUES, 1998, p. 9)

Nesta entrevista póstuma, amigos e colegas tecem uma justa homenagem ao ser humano incrível que foi a Professora Dra. Bernardete Biasi-Rodrigues. Além de ser apontada por seus alunos e amigos como uma pessoa amorosa, delicada, elegante e muito amiga dos que a rodeavam, o estudo sobre os gêneros textuais/discursivos é uma das marcas indelévels deixadas pela professora na Linguística brasileira. Ela perseguiu esse objeto com acuidade acadêmica e, por isso, soube desenvolver suas pesquisas e orientar tantas outras sobre esse tema. Sua obstinação pela pesquisa foi abalizada pela capacidade de interrogar o objeto com precisão e perícia científica, como mostra a epígrafe acima. Nesta entrevista, portanto, o leitor verá uma pesquisadora contumaz, que soube trabalhar em várias frentes, pois ela deixa um legado que sinaliza a importância da produção e do estudo dos gêneros acadêmicos, dos avanços das teorias para análise sincrônica e diacrônica dos gêneros, da metodologia da pesquisa, dos textos multimodais, das relações entre linguagem e tecnologia e como isso tudo pode ser útil à escola pública brasileira. Estamos conscientes, no entanto, de que o que reunimos aqui não dá conta de tudo o que Biasi-Rodrigues deixou, mas serve de uma pequena amostra panorâmica de sua obra que, de algum modo, a deixará sempre viva entre nós.

Júlio Araújo (Organizador)

IutaLerche Vieira (UECE) pergunta: Prezada Professora Bernardete, sua Tese de Doutorado intitulada *Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações* (UFSC, Florianópolis, 1998) traz uma inestimável contribuição para a ciência linguística. Considerando a importância desse trabalho para a investigação sobre gêneros e, em particular, seu legado operacional para a prática da escrita acadêmica, poderia nos apresentar seu objeto de investigação, apontando os objetivos da pesquisa?

Professora Bernardete Biasi-Rodrigues responde:

O trabalho teve como objeto de investigação 134 resumos de dissertação de mestrado, na área de linguística, com o propósito de descrever as estratégias usadas por determinada comunidade discursiva na organização retórica de informações nesse gênero acadêmico. Essas estratégias, denominadas de “estratégias de condução de informações” (BIASI-RODRIGUES, 1998), são mecanismos usados pelo produtor tanto na seleção e distribuição dos conteúdos quanto nos arranjos linguísticos para compor o texto e, no caso dos resumos de dissertações, refletindo mais ou menos a organização retórica do texto-fonte, com propósitos comunicativos específicos.

Em outras palavras, o principal objetivo dessa pesquisa foi verificar se os resumos de dissertação apresentam uma estrutura de composição textual regular e padronizada para se configurar como um gênero, para então propor uma formalização dessa estrutura, levando em conta as convenções geradas no seu contexto sócio-comunicativo específico de uso e no âmbito da comunidade acadêmico-científica *lato sensu*. O estudo foi desenvolvido tendo-se em mente a grande população acadêmica que escreve resumos para compor o volume da dissertação de mestrado, em vista de participar de um diálogo científico nacional e internacional, já que esses resumos são encaminhados em português e na sua versão em inglês para compor bancos de dados no país e no exterior.

Referência

HEMAIS, Barbara; BIASI-RODRIGUES, Bernardete. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. Parábola Editorial: Rio de Janeiro, 2005, p. 108-129.

Maria Ednilza Oliveira Moreira (UFC) pergunta: Professora, ainda reportando-nos à sua pesquisa sobre resumo, você afirma que a organização retórica de informações de um resumo ou de qualquer outro gênero é determinada funcionalmente. Continuando seu pensamento, explicita, em poucas palavras, o que determina a escolha e a utilização de um gênero.

Professora Bernardete Biasi-Rodrigues responde:

A escolha de um gênero e sua utilização são determinadas pelas necessidades imediatas dos interlocutores, pelos propósitos comunicativos partilhados e pelas convenções que regulam o uso de cada gênero ou classe de eventos comunicativos.

Referência

BIASI-RODRIGUES, Bernadete. O gênero resumo: uma prática discursiva de comunidade acadêmica. In: BIASI-RODRIGUES Bernadete; ARAÚJO, Júlio César; SOUSA, Socorro Cláudia Tavares. *Gêneros textuais e comunidades discursivas*: um diálogo com John Swales. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 49-76.

Messias Dieb (UFC) pergunta: Professora Bernardete, o que a senhora concluiu mais especificamente acerca do processo de produção do gênero resumo, feitos pelos autores dessas dissertações examinadas, levando em consideração o atendimento aos propósitos comunicativos do referido gênero?

Professora Bernardete Biasi-Rodrigues responde:

O que percebemos entre os sujeitos / autores dos resumos de dissertações que analisamos é que, apesar de os terem produzido a partir de sua própria experiência de pesquisa e de seus próprios textos, nem sempre revelaram atender aos propósitos comunicativos do gênero, ou, pelo menos, alguns resumos cumpriam também a função da introdução, como já constatou Bhatia (1993). Um dado que dá suporte a essas considerações é a semelhança de certos resumos que relatam pesquisas desenvolvidas numa mesma área e em torno de temática similar, demonstrando que uns servem de modelo para outros.

Referência

BIASI-RODRIGUES, Bernardete. O papel do propósito comunicativo na análise de gêneros: diferentes versões. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 4, *Anais...* Tubarão-SC: Unisul, 2007. v. 1. p. 729-742.

Ângela Dionísio (UFPE) pergunta: Partindo do pressuposto de que o resumo é um gênero lido por membros de comunidades variadas, você notou em sua pesquisa uma preocupação com leitores como pesquisadores da área, bibliotecários e editores, quando da produção do resumo em dissertações, por exemplo?

Professora Bernardete Biasi-Rodrigues responde:

A impressão que ficou da análise de resumos de dissertações é que muitos dos seus autores agem muito intuitivamente nas suas escolhas ao selecionar, condensar e distribuir as informações. Alguns depoimentos ouvidos de colegas, em situações informais, revelaram que a tarefa de escrever resumo, algumas vezes, foi realizada às pressas, apenas para compor a versão final da dissertação e para cumprir a exigência formal da instituição, sem pensar na função sociocomunicativa do resumo, quando isolado do texto-fonte e disponibilizado a uma audiência potencial que vai além da banca examinadora.

Referência

BIASI-RODRIGUES, B. O gênero resumo: uma prática discursiva da comunidade acadêmica. In: BIASI-RODRIGUES, B; ARAÚJO, J. C.; SOUZA, Socorro C. T. (Org.). *Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 75.

Vera Menezes Paiva (UFMG) pergunta: Professora, tomando ainda como ponto de partida a sua pesquisa sobre o gênero resumo, você registra essa impressão de que os mestrandos agem de forma intuitiva ao escrever seus resumos. Você os aconselharia a seguir um modelo?

Professora Bernardete Biasi-Rodrigues responde:

Decididamente não é um modelo genérico prescritivo que garante a qualidade de um texto e não existe nenhuma fórmula mágica de escrever textos

de qualidade, mas não se pode fugir às convenções ou aos acordos praticados em cada comunidade discursiva, com maior ou menor margem de liberdade em questão de estilo. É imprescindível também ressaltar a relevância de se desenvolver um senso apurado de audiência, na prática de qualquer gênero textual, e de se levar em conta determinados aspectos de conteúdo e de forma que podem garantir sucesso comunicativo.

A formação do pesquisador deve incluir um conhecimento de ordem técnica, como o da formulação de um problema, de objetivos e hipóteses, e o conhecimento de parâmetros praticados na academia para a produção de gêneros acadêmicos, ampliados para os estudos descritivos desses gêneros.

Referência

BIASI-RODRIGUES, Bernadete. O gênero resumo: uma prática discursiva de comunidade acadêmica. In: BIASI-RODRIGUES, Bernadete; ARAÚJO, Júlio César; SOUSA, Socorro Cláudia Tavares (Org.). *Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p.49-76.

Antônia Dilamar Araújo (UECE) pergunta: E por falar na formação do pesquisador, que perguntas, professora, você considera importantes para pesquisadores iniciantes ao manipular dados no processo de pesquisa? Comente brevemente como foi sua experiência com a análise de textos na sua pesquisa de doutorado?

Professora Bernardete Biasi-Rodrigues responde:

As perguntas que, provavelmente, a maioria dos pesquisadores devem fazer-se diante dos dados são: Por onde começar? Parte-se de um modelo já existente para enquadrar os dados na sua forma? Ou parte-se dos dados em busca de um padrão que reflita as regularidades do conjunto? Não foi diferente no caso da minha experiência. O serviço braçal de garimpar os dados deu-se entre muitas idas e vindas, ora olhando para o objeto de análise sob vários ângulos, ora retomando os princípios teóricos, mudando frequentemente de estratégia, sempre na esperança de encontrar preciosidades, aquelas que outros pesquisadores ainda não haviam descoberto, e de poder mostrá-las como novidade, como algo realmente original.

Referência

BIASI-RODRIGUES, Bernadete. O gênero resumo: uma prática discursiva de comunidade acadêmica. In: BIASI-RODRIGUES Bernadete; ARAÚJO, Júlio César; SOUSA, Socorro Cláudia Tavares (Org.). *Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p.49-76.

Benedito Bezerra (UPE/UFPE) pergunta: Já que estamos falando de pesquisa, sabemos que parte importante no planejamento de uma investigação é o delineamento, por parte do pesquisador, dos procedimentos metodológicos que nortearão o tratamento e análise dos dados. Nas versões finais de dissertações e teses, frequentemente a metodologia parece ter sido uma etapa cumprida exatamente como planejada, sem nenhuma espécie de dúvida ou percalço. Mas, no mundo real da pesquisa, como você vê o planejamento e execução dos procedimentos metodológicos?

Professora Bernardete Biasi-Rodrigues responde:

Ao se delinear um aparato metodológico de pesquisa, esboça-se um arcabouço ou um esquema de trabalho que é preenchido pelas práticas de análise à medida que elas vão ocorrendo, à medida que os instrumentos vão sendo testados e à medida que as descobertas vão mostrando o(s) caminho(s) para se interpretar os resultados. Nem sempre a metodologia é claramente definida na elaboração de um projeto de pesquisa e mantida sem alterações durante os exercícios de análise, a não ser que os instrumentos já tenham sido testados em pesquisas piloto ou por outros pesquisadores, mesmo assim é comum sofrerem adaptações durante o processo de tratamento dos dados. Os procedimentos metodológicos tanto podem ser estendidos como reduzidos e, às vezes, são até abandonados e substituídos por outros, conforme a análise vai evoluindo.

Referência

BIASI-RODRIGUES, Bernardete. *Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações*. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Aurea Suely Zavam (UFC) pergunta: E por falar em análise, professora, em que medida um viés diacrônico pode iluminar as pesquisas sobre gêneros textuais?

Professora Bernardete Biasi-Rodrigues responde:

As perspectivas sincrônica e diacrônica de estudo dos gêneros textuais têm seguido seu curso de forma mais ou menos independente, mas é impensável uma sem a outra, pois os gêneros textuais que se praticam hoje carregam, necessariamente, a sua história e revelam tanto traços que nos permitem reconhecer individualmente suas peculiaridades e funções sociais quanto aspectos que nos levam a recuperar a sua origem e evolução.

Referência

BIASI-RODRIGUES, Bernardete. A trajetória do gênero anúncio em jornais cearenses dos séculos XIX e XX. In: ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernardete; DIEB, Messias. (Org.). *Seminários linguísticos: discurso, análise linguística, ensino e pesquisa*. Mossoró: Edições UERN, 2010, p. 17-33.

Antônio Duarte Fernandes Távora (UFC) pergunta: Professora Bernardete, em virtude das sucessivas retomadas por Swales e pelos estudiosos da área, como você compreende o papel do propósito comunicativo, como categoria, na análise de gêneros praticada na academia hoje?

Professora Bernardete Biasi-Rodrigues responde:

O papel do(s) propósito(s) comunicativo(s) continua ocupando um lugar de fundamental importância nas investigações que tratam de gêneros textuais e comunidades discursivas, dando realce às funções sociais dos gêneros, sejam eles tradicionalmente praticados ou em processo de transmutação, emergindo em novos meios ou suportes.

Não resta dúvida de que, conforme muito bem expressa Araújo (2006, p. 83), “a categoria propósito comunicativo [...] já é uma espécie de ‘patrimônio teórico’ da emergente área da Análise de Gêneros [...] e ainda se mostra como um critério relativamente seguro para atestar a funcionalidade social de um gênero do discurso”. De fato, desde as reflexões teóricas que Swales (1990) faz em *Genre Analysis*, ele vem trabalhando em torno da idéia de que um gênero pode não responder a um único propósito, pois já

considerava o fato de se poder identificar em um único gênero um conjunto de propósitos, todos gerados e reconhecidos socialmente. No seu trabalho mais recente (SWALES, 2004), o autor acrescenta que os propósitos podem sofrer alterações e também podem provocar alterações nos gêneros, ao longo da sua história de uso. As modificações que ocorrem nos gêneros, portanto, são decorrentes de novos propósitos que surgem para dar conta da eficácia comunicativa.

Referência

BIASI-RODRIGUES, Bernardete. O papel do propósito comunicativo na análise de gêneros: diferentes versões. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 4, *Anais...* Tubarão-SC: Unisul, 2007. v. 1. p. 729-742.

Nukácia Araújo (UECE) pergunta: Ao transitar em campos de investigação distintos para embasar a noção de gênero que propõe, Swales adota, entre outras perspectivas, a de estudos do folclore. Qual seria, professora, em sua opinião, a importância ou o lugar desses estudos na teoria de gêneros swalesiana?

Professora Bernardete Biasi-Rodrigues responde:

Para ele, a importância desse campo de investigação é que nele se faz uma classificação de gêneros e, dessa forma, tem-se uma ferramenta de pesquisa que permite arquivar textos. Swales observa ainda que a classificação feita pelos estudiosos de folclore considera os *tipos ideais*, e não textos reais, os quais podem se desviar do ideal. Esse ponto, segundo o teórico, torna-se bastante relevante para os estudos de gêneros textuais em se considerando a questão da ‘fórmula textual’ [...]. [Outro aspecto importante na] abordagem dos gêneros de folclore enfocaria as formas que são permanentes, mas que, por outro lado, sofrem mudança no seu papel na sociedade, como é o caso da entoação para não deixar a alma sair do corpo ao dizer “Deus te abençoe” quando alguém dá um espirro. [Por último, existiria ainda outra perspectiva no âmbito dos estudos do folclore que interessaria à proposta swalesiana: [aquela em que se] destaca o valor sociocultural [do gênero] na medida em que esse [construto social] atende às necessidades sociais e espirituais dos grupos sociais; é importante para o pesquisador perceber como a comunidade entende os gêneros. [Resumindo], as lições que Swales tira dos folcloristas são:

- (a) classificar os gêneros pode ter alguma utilidade em termos de oferecer uma tipologia;
- (b) uma comunidade percebe e entende os gêneros textuais como meios para alguma finalidade;
- (c) a percepção que a comunidade tem sobre como interpretar um texto é muito valiosa para o analista de gênero.

Referência

HEMAIS, Barbara; BIASI-RODRIGUES, Bernardete. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. Parábola Editorial: Rio de Janeiro, 2005, p. 108-129.

Ana Elisa Ribeiro (CEFET-MG) pergunta: Profa. Bernardete, falando em texto, os textos multimodais vêm sendo objeto de muitas pesquisas e discussões. Em algum momento da nossa comunicação, os textos puderam ser monomodais? A multimodalidade pode ser uma característica que vem sendo intensificada na linguagem?

Professora Bernardete Biasi-Rodrigues responde:

O mundo ocidental, durante muito tempo, deu preferência a um tipo de produção discursiva monomodal, ou seja, priorizando a linguagem verbal, escrita ou falada, em detrimento a outras formas de interação, tais como imagem ou música, por exemplo (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001). Na verdade, num sentido amplo, nunca poderíamos ter uma produção de linguagem exclusivamente monomodal, em virtude de aspectos melódicos e/ou prosódicos em relação à fala, e de características tipográficas e/ou caligráficas em relação à escrita, mas não se pode desconsiderar a afirmação dos autores no que concerne à priorização da linguagem verbal na cultura ocidental. Só para termos ideia, a Análise da Conversação agrupa sob o rótulo de material paraverbal “todas as unidades que acompanham as unidades propriamente linguísticas e que são transmitidas pelo canal auditivo: entonações, pausas, intensidade articulatória, elocução, particularidades da pronúncia, características da voz” (KERBRAT-ORECCIONI, 2006, p. 36 – grifos nossos), de modo que todos esses fatores isolados são considerados por essa vertente como não pertencentes ao material propriamente linguístico.

Entretanto, segundo Kress e van Leeuwen (2001), ao longo do século 20, outros recursos semióticos paulatinamente passaram a conviver com a linguagem verbal e hoje é bastante comum, especialmente em gêneros textuais mais plásticos (como o anúncio) ou emergentes (como os gêneros da *web*), a produção de discursos multimodais, ou seja, de práticas comunicativas para as quais convergem mais de uma forma de linguagem, resultando em um código integrado no qual nem sempre há, como observou Barthes (1976), uma dependência ou complementaridade de uma semiose em relação a outra.

Referência

BIASI-RODRIGUES, Bernardete; NOBRE, Kennedy Cabral. Sobre a função das representações conceituais simbólicas na gramática do *design* visual: encaixamento ou subjacência? *Linguagem em (Dis)curso*. Palhoça, SC, v. 10, n. 1, p. 91-109, jan./abr. 2010.

Cibele Gadelha Bernardino (UECE) pergunta: Por falar em gêneros da *web*, na publicação “A natureza hipertextual do gênero chat aberto”, em coautoria com Araújo, vocês discutem a questão de como um usuário não proficiente utiliza o *chat* aberto e, mais particularmente, como esse sujeito lida com a natureza hipertextual desse gênero. Você poderia nos falar um pouco sobre essa questão?

Professora Bernardete Biasi-Rodrigues responde:

A primeira constatação é a de que a pouca proficiência do sujeito não se mostrou um empecilho para sua percepção da natureza hipertextual do *chat* aberto. Tanto o som quanto a imagem foram entendidos por ele como elementos semióticos, pois foram mobilizados para a geração de sentido, com a escrita, o que nos autoriza a concluir que as imagens e os sons não se reduzem a meras ornamentações na tela do *chat*, posto que os usos que delas são feitos as fazem ascender ao *status* de signo, no sentido que Bakhtin confere a esse termo.

Não obstante o reconhecimento da funcionalidade que o sujeito fez da heterogeneidade semiótica do gênero em pauta, o fato de ele ser pouco proficiente pode ser um indicativo que nos permita a conclusão de que a multisemiose provoca sobrecarga cognitiva nos produtores / consumidores iniciantes nos gêneros digitais. No que diz respeito ao recurso da escrita,

verificamos que alguns deles não fazem sentido para os iniciantes no gênero. A escrita produzida durante as práticas discursivas dos *chats*, como mostram muitos estudos, é permeada de características bastante distintas das usuais. Considero que este estudo deve ser ampliado. Talvez fosse o caso de comparar usuários mais proficientes com outros menos proficientes para ver se o nível de letramento digital interfere cognitivamente nos usos dos recursos hipertextuais do gênero *chat* aberto.

Referência

ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernardete. A natureza hipertextual do gênero chat aberto. In. ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernardete (Org.). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 48-62.

Júlio César Araújo (UFC) pergunta: Continuando nesse tema da proficiência de uso dos gêneros, e em especial dos gêneros digitais, como a senhora pondera o proveito que os professores de língua materna poderiam tirar da internet para ampliar os letramentos dos alunos?

Professora Bernardete Biasi-Rodrigues responde:

Lidar com essas questões nas práticas pedagógicas com a linguagem é levar em conta que a sociedade desenvolve suas práticas discursivas em função dos seus propósitos comunicativos e que cria novos mecanismos de interação em função de novas tecnologias. Os alunos e os professores são partes atuantes neste processo de interação social fora da escola e não se pode conceber que fiquem à margem dessa evolução, dentro da escola, desconsiderando as inovações em nome de tradições que limitam o tratamento da linguagem ao ensino de metalinguagem.

O desafio que se pode colocar para o professor de língua materna é o de descobrir maneiras de explorar os recursos da interlocução digital para evidenciar as diferenças entre as mídias, para explicar a finalidade e a utilidade de cada uma em vez de abominar uma e sacralizar a outra. Um comportamento preconceituoso não vai evitar que os conhecimentos se interpenetrem, pois é assim que a linguagem funciona, numa grande e incontrolável mobilidade, à revelia dos puristas e gramatiquinhos de plantão. Ignorar o que está acontecendo fora do contexto escolar é andar na contramão

da história, é deixar passar a oportunidade de ser personagem e de atuar no cenário que está sendo construído a nossa volta, quer queiramos quer não.

Referência

ARAÚJO, J.C.; BIASI-RODRIGUES, B. Questões de estilo no gênero chat aberto e implicações para o ensino de língua materna. In: ARAÚJO, Júlio César (Org.). *Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 78-92.

Adair Bonini (UFSC) pergunta: Atualmente se fala muito em uma postura protagonista do professor de línguas. Na sua opinião, que perfil deve ter hoje um professor ou professora que se propõe a trabalhar no sentido de um ensino e uma aprendizagem de linguagem baseados em gêneros?

Professora Bernardete Biasi-Rodrigues responde:

O professor precisa ter uma base teórica atualizada para orientar a construção de sua prática pedagógica, um conhecimento de teorias que lhe dê os subsídios necessários para promover experiências autênticas de uso da linguagem. As atividades de leitura e produção devem oportunizar aos alunos um exercício de reconhecimento e análise de gêneros textuais que circulam na sociedade, muitos dos quais fazem parte do cotidiano deles. Às vezes, essa etapa, é desprezada, ou porque o conhecimento prévio do aluno é supervalorizado, ou porque o professor não costuma deter-se em analisar as condições sociocomunicativas de cada gênero e as suas características formais, privilegiando as atividades de produção textual em sala de aula.

Adair Bonini (UFSC) pergunta: Ainda sobre essa questão, quando se pensa na pesquisa em gêneros textuais / discursivos, sempre nos vem à mente o ensino da aprendizagem de linguagem. Como você acredita que esse conceito possa ser mobilizado nas atividades de sala de aula de modo a propiciar situações que favoreçam a aprendizagem dos alunos?

Professora Bernardete Biasi-Rodrigues responde:

As atividades com gêneros em sala de aula podem simular a realidade e propiciar um exercício que permita imaginar um público ouvinte ou leitor potencial que não inclua o professor, e este público pode ser constituído dos

próprios colegas da classe ou de outras, até mesmo de escolas diferentes da sua. Entretanto, sempre que possível, essas atividades devem alcançar a realização autêntica dos gêneros, por exemplo, o planejamento e a execução de uma entrevista, em que o entrevistado será uma figura real e os alunos assumirão o papel também real de entrevistadores.

Referência

BIASI-RODRIGUES, Bernardete. Abordagem dos gêneros textuais no ensino da Língua Portuguesa. In: PONTES, Antônio Luciano; COSTA, Maria Aurora Rocha (Org.). *Ensino de língua materna na perspectiva do discurso: uma contribuição para o professor*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008. v. 1: p. 33-50.

Socorro Claudia Tavares (Unilab/UFPB) pergunta: Com o advento dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, os materiais didáticos dessa área passaram a contemplar a noção de gênero textual. Como você analisa, professora, a abordagem dada a essa noção nos livros didáticos?

Professora Bernardete Biasi-Rodrigues responde:

É visível [...] um movimento no sentido de incorporar uma nova perspectiva de tratar a linguagem [nos livros didáticos], mas não se percebem critérios bem definidos nas abordagens feitas nesses instrumentos de ensino que estão disponíveis aos professores e alunos. O uso da nomenclatura é instável e os gêneros e os tipos de textos ou sequências são tomados uns pelos outros, numa demonstração de que a apreensão do novo objeto de conhecimento ainda não se deu por completo. Os aspectos sociocomunicativos (o contexto de produção, a audiência, o veículo) e o reconhecimento das características formais dos gêneros (mecanismos retóricos, aspectos linguísticos) não são explorados no processo de apreensão desse conhecimento, ou seja, antes da produção e durante, especialmente nos livros didáticos analisados [por mim]. Há lacunas teóricas e metodológicas que precisam ser preenchidas, [tanto] nos parâmetros curriculares [como] nos livros didáticos, para que o ensino com base nos gêneros discursivos / textuais não se torne apenas mais um modismo, que só faça reproduzir novos artificialismos. Além disso, é preciso investir na formação dos professores, para que possam ter acesso direto ao conhecimento e, conseqüentemente, tomar decisões e posições bem fundamentadas teoricamente ao selecionar material de ensino e ao definir metodologia de trabalho em sala de aula.

Referência

BIASI-RODRIGUES, Bernardete. A diversidade de gêneros textuais no ensino: um novo modismo? *Perspectiva*, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 49-64, jan./jun. 2002.

Carla Coscarelli (UFMG) pergunta: Para encerrar nossa entrevista, professora Bernardete, volto à questão dos PCN de língua portuguesa para lhe perguntar o que a senhora acha sobre a abordagem dos gêneros textuais nesses documentos oficiais?

Professora Bernardete Biasi-Rodrigues responde:

A proposta de abordagem dos PCN para os gêneros discursivos com base em Bakhtin é, com certeza, louvável e abre perspectivas para o tratamento da linguagem como ação social, realçando o *continuum* das práticas sócio-interacionais que se estabelecem na e pela linguagem. O que está faltando, a nosso ver, é a formulação de uma proposta que realce a ativação do conhecimento de gêneros estabelecidos socialmente e na comunidade discursiva do aluno, seguida do exercício de análise e reconhecimento das propriedades comunicativas e formais de cada um, realçando seus efeitos comunicativos, em função dos interlocutores nas situações reais de comunicação. Sem isso, corre-se o risco de continuarmos incorrendo na artificialidade das produções textuais, executadas como tarefa escolar e destinadas ao leitor-professor-avaliador (p. 56).

Referência

BIASI-RODRIGUES, B. A diversidade de gêneros textuais no ensino: um novo modismo? *Revista Perspectiva*, Florianópolis, vol. 20, n. 01, 49-64, jan/jun. 2002.

Júlio César Araújo (UFC) agradece: Agradeço aos amigos que, em conjunto, teceram essa homenagem à saudosa e querida Profa. Bernardete Biasi-Rodrigues, cujos traços típicos de sua personalidade são sintetizados nas palavras que me foram enviadas, via *e-mail*, pelo Professor Hans Peter Wieser, o qual é também um de seus grandes admiradores.

Hans Peter Wieser (UECE) diz: Posso afirmar, com toda certeza, que ela foi uma mestra dotada de excepcional saber, competência e talento e uma amiga muito querida. Sempre presente quando dela precisava, me inspirando com sua simplicidade e sua dedicação firme e afetuosa. Todos os que conviviam com ela sabiam da agudeza do seu espírito e da generosidade do seu coração. Todos nós admiramos sua capacidade de articulação e sua maneira de dialogar, e todos nós aprendemos muito com sua habilidade extraordinária em agregar e conduzir projetos científicos e relações acadêmicas, com diligência e objetividade e, ao mesmo tempo, com uma maestria sempre discreta.